



Os meus livros inesquecíveis ¹

L. Chaínho Pereira

Perguntou-me o Dr. Barreto Nunes se eu queria participar no seu programa de dinamização da leitura intitulado **Os meus livros inesquecíveis**, integrado no programa comemorativo do Dia Mundial do Livro.

Na altura, o Director da Biblioteca Pública de Braga explicou-me que via com muito interesse que também colaborasse neste projecto alguém com formação no campo das Ciências Experimentais, já que esta iniciativa tem sido predominantemente animada por escritores e por outras individualidades das áreas da Letras e das Ciências Humanas.

Respondi positivamente a este honroso convite – embora consciente da responsabilidade que tal gesto envolvia – fundamentalmente por estar de acordo que há livros inesquecíveis na memória de todos os leitores, independentemente da respectiva área de formação específica.

Espero, Dr. Barreto Nunes, não defraudar as suas expectativas com a minha modesta intervenção, porventura desprovida de interesse, mas, seguramen-

te, realizada com o melhor empenhamento pessoal e com admiração pelas iniciativas que tem levado a cabo, no sentido de promover e dinamizar a leitura pública nesta cidade e nesta região, iniciativas que muito têm prestigiado a Biblioteca Pública de Braga e, por consequência, a Universidade do Minho.

É um facto que várias obras e inúmeros autores marcaram a minha formação científica, humana e cultural. A dificuldade poderia ser a sua selecção e a sua síntese, compatíveis com os objectivos desta intervenção.

Tenho ainda bem presente uma publicação que me influenciou fortemente quando iniciei a minha carreira de docente e investigador. Trata-se de um livro do cientista **John Birks**, insigne professor e investigador do Departamento de Física da Universidade de Manchester, livro intitulado **Photophysics of Aromatic Molecules**, editado pela Wiley-Interscience, 1970.

Esta obra teve forte influência no meu projecto de doutoramento em Fotofísica Molecular e foi marcante na consolidação da área científica de Fotofísica/ Fotoquímica, não só por ter feito a síntese e o “estado de arte” deste domínio, como também por ter formalizado e estruturado conceitos que abriram portas a novos desafios e a novas frentes de investigação teórica e experimental.

Como testemunho devo acrescentar que o Dr. John Birks – que eu vim a conhecer então numa conferência, em Portmeirion, no Reino Unido – me impressionou fortemente, não só pela sua obra científica, inovadora e abrangente, mas também pelo seu entusiasmo e pela convicção intransigente na defesa das suas teses.

Ele viria a fazer parte do júri das minhas provas de agregação – na altura na forma de concurso para professor extraordinário – e esteve por isso aqui em Braga, na Universidade do Minho, onde tive a honra de ter sido o primeiro professor desta Universidade a iniciar provas públicas de agregação, precisamente, neste Salão Medieval, em Fevereiro de 1978.

Infelizmente o Professor Birks viria a desaparecer tragicamente do nosso convívio, alguns anos mais tarde, o que representou indubitavelmente uma enorme perda para a sua Universidade e para o mundo da Ciência.

Como disse de início, o difícil neste tipo de abordagem é seleccionar as obras que mais nos tocaram, e que por isso, se terão tornado inesquecíveis.

Para simplificar, vou apenas referir-me a duas áreas específicas onde o meu interesse como leitor se acentuou e nas quais grande número de livros de diversos autores me impressionaram de modo particular. Assim, as áreas que gostaria de abordar são as seguintes:

- A área da Filosofia da Ciência
- A área da poesia, como factor de intervenção social

A) No caminho da procura da realidade através da Ciência, inúmeros cientistas me têm atraído a atenção, uns de pendor mais experimentalista, outros, mais teóricos ou mais filosóficos.

Esquecendo cientistas como Carl Sagan, Stephen Hawking, Edgar Morin ou Paul Davies, vou apenas abordar dois autores que me fizeram reflectir sobre a Ciência, em especial ao nível da sua interpretação conceptual:

1. Ilya Prigogine – prémio Nobel da Química, actualmente professor da Universidade Livre de Bruxelas e da Universidade do Texas (USA);

2. John Gribbin – Ph.D. em astrofísica pela Universidade de Cambridge; actualmente professor na Universidade de Sussex, um comunicador exímio que se notabilizou pela divulgação da Ciência, através de livros e de programas de rádio e de televisão.

Prigogine escreveu duas obras fascinantes que nos obrigam a repensar a Ciência, tal como a aprendemos, e às vezes ensinamos, encaixotada e compartimentada, não raro apressadamente, numa lógica academicista, como se tudo tivesse uma explicação convincente e inabalável:

- **Entre o tempo e a eternidade** – de Ilya Prigogine e Isabel Stengers – traduzido em português na edição da Gradiva, 1990, do original, em francês, em 1988;
- **O fim das certezas** – de Ilya Prigogine – publicado em francês, “La fin des

certitudes”, Editores Odile Jacob, 1996 e em português pela Gradiva, no mesmo ano.

Prigogine espelha nestas duas obras a sua visão conceptual das Ciências da Natureza face a um *tempo ligado à evolução do universo*, na constatação de um paradoxo, tal que, no dizer do próprio autor:

“O que emerge hoje é uma descrição... situada entre duas situações alienantes, a de um mundo determinista e a de um mundo arbitrário submetido apenas ao acaso”.

Para Prigogine a física dos processos do-não-equilíbrio, nova Ciência nascida nas últimas décadas, perturbou definitivamente a flecha do tempo, eliminou utopia de uma previsibilidade determinista e conduziu à irreversibilidade da incerteza.

Aliás, deve acentuar-se, a própria teoria da relatividade, desenvolvida por Einstein no princípio do século, ao mostrar que o **tempo não é um conceito absoluto**, já conduzia a uma situação em que deixa de haver simetria entre passado e futuro.

Conforme refere Paul Davies, *“o impacto da relatividade deixa desprovida de sentido a divisão entre passado, presente e futuro”.*

Como curiosidade interessante refira-se que Bernstein, num livro recente sobre a vida e a obra de Einstein (Bernstein, p. 96), recorda uma poesia humorística que corria na época, a propósito da relatividade temporal, que, traduzida para português se poderia exprimir do seguinte modo ²:

Havia uma jovem chamada Maria de Jesus
Que viajava mais rápida que a luz
Ela partiu um dia calmamente
E chegou na noite precedente

Por outras palavras, o que a poesia pretende parodiar é *que a teoria prevê que a uma velocidade superior à luz, é possível inverter a flecha do tempo.* (dito de outra maneira, é possível fazer o tempo voltar para trás!)

Por outro lado, analisando agora **John Gribbin**, o que me entusiasmou foi a viagem que ele proporciona ao leitor no *mundo da física quântica*, nas duas obras seguintes:

- **In search of Schrödinger's Cat, Black Swan, 1985**
- **Schrödinger'Kittens, Phoenix, 1995**

Gribbin lembra-nos que na física quântica os acontecimentos são governados pelas leis das probabilidades e que nada é real, a menos que seja observado.

Conduz-nos ao paradoxo do gato de Schrödinger, no qual, face a uma hipotética experiência, que consiste em colocar um gato numa caixa fechada, com um dispositivo que permite que haja 50% de probabilidades do gato ser envenenado e 50% de o não ser, a teoria exige que antes de abirmos a caixa existam dois gatos – um gato morto e um gato vivo – situados em mundos diferentes. Note-se que estamos a falar de uma teoria suportada pela Matemática e não de ficção. É o acto de observar o gato, após a abertura da caixa, que faz com que a função de onda do “anti-gato” colapse e que só um exista, vivo ou morto!

Levado às últimas consequências, para que o Universo seja real ele precisa de ser observado, pelo que teria de existir alguém, exterior ao Universo, que o observasse. A esse alguém poder-se-ia chamar Deus!

Assinale-se que têm sido realizadas experiências reais que indicam de facto a possibilidade de existirem universos paralelos. Veja-se o jornal O Público, de 18 Abril/97, em que se noticia na primeira página o resultado de experiências levadas a cabo na Universidade de Rochester, que revelaram que o Mundo é assimétrico, com um eixo norte-sul e com a possibilidade da velocidade da luz no vácuo poder não ser constante.

Gribbin, a partir da teoria quântica aceite pela Ciência, mostra-nos que uma partícula de luz pode afinal estar em dois lugares ao mesmo tempo, com a consequência prática de se poder pensar em termos de teletransporte, ao estilo da ficção “Star Trek”.

Vem a propósito lembrar que Einstein nunca aceitou o conceito de um Mundo governado ao acaso. *"Deus não joga aos dados com o Universo"*, costumava argumentar, contra as posições de Bohr da escola de Copenhague.

Convém igualmente referir que toda esta problemática se desenvolve no princípio do século, tendo tido uma forte influência, não só na Ciência, mas também na Filosofia, nas Artes e na Literatura, contribuindo com a sua quota-parte para o aparecimento do movimento modernista.

Fernando Pessoa, decerto atento aos desafios que a Ciência enfrentava, designadamente à controvérsia entre um mundo determinista e um mundo probabilístico, propôs, numa quadra, que Deus não jogava aos dados mas que Ele intervinha no jogo (Pessoa, Fernando, p. 88):

Voam débeis e enganadas
As folhas que o vento toma
Bem sei, deitamos os dados
Mas Deus é que deita a soma

Convém ter presente que, muito antes da consolidação da teoria quântica, já a Filosofia discutia o Mundo em termos das duas concepções, isto é, a do **determinismo** e a do **acaso**. Este facto pode ser demonstrado em publicação recente de **Lúcio Craveiro da Silva** (*Novas Cartas Inéditas de Antero de Quental*, p. 20). Refere aí Lúcio Craveiro uma carta de Antero a Oliveira Martins (de 1879 ou 1880,) na qual Antero pede a Oliveira Martins que lhe leve a obra de Cournot – "Essais sur les fondements...". Pelo teor da carta, Craveiro da Silva afirma **crer ter Antero descoberto na obra de Cournot a Idela do acaso na evolução do Universo**.

Lúcio Craveiro formula a tese segundo a qual, (e citamos) **"E a nova Idela do acaso aparece na filosofia de Antero no ponto nevrálgico da concepção do Universo precisamente nos anos ... quando buscava solução à sua crise interior"** (ibid, p. 21).

Acrescentaria eu que não surpreende que a Filosofia tenha antecipado os caminhos prosseguidos pela Ciência, numa altura em que a mesma ainda se enquadrava na Filosofia Natural. Mesmo à medida que a Ciência avança no

caminho do conhecimento das Ciências da natureza, nunca deixa de se preocupar com questões profundas da existência, invadindo territórios da religião e da filosofia. Questões que mais se acentuaram com a teoria do big bang, com a descoberta da radiação fóssil (a 2.7K, em 1965) e com a constatação, por Hubble, do desvio para o vermelho da luz emitida pelas galáxias, provando que o Universo se está a expandir.

Interrogações do tipo – Quando começou e como evolui o Mundo? O que é o tempo? O que é a vida? O que é o espírito? – são conhecidas desde os filósofos pré-socráticos, passando por Galileu, Descartes, Newton, Bergson, Einstein, Karl Popper, Paul Davies ou Prigogine, para citar apenas alguns proeminentes filósofos e cientistas.

B) A segunda área que adiantei, de início, como uma das que me conduziram à leitura de alguns livros (para mim inesquecíveis) é a da poesia, naquilo que ela consegue, aliando à sua beleza estética o poder de servir de veículo a uma mensagem de intervenção cultural e social.

Nesta óptica gostaria de salientar especialmente três autores, que leio com grande interesse: por um lado **Rosalía de Castro**, e, por outro, **Federico Garcia Lorca**, na sua forte relação com a Andaluzia, e ainda o português **Manuel da Fonseca**.

Andaluzia e Alentejo, vizinhos na geografia, na alma e na cultura e a irmã Galiza, de cores diferentes, mas marcada pela mesma solidão e rebeldia.

Respeitando a janela do tempo de vida destes autores, começo por referir **Rosalía de Castro**.

O que me fascinou nos Cantares Galegos de Rosalía de Castro foi, a par do seu engenho, a coragem em ressuscitar uma língua que se havia celebrado na lírica medieval, na tradição dos cancioneros galaico-portugueses, mas que os séculos da História haviam relegado e cristalizado. Foi essa língua que Rosalía foi procurar nas suas fontes para acordar a consciência e o orgulho do seu Povo.

É pela poesia que Rosalia vai denunciar o centralismo e o abandono a que os galegos foram submetidos durante séculos. É a própria Rosalia que escreve no prefácio dos Cantares:

“Queira o céu que outro mais afortunado ca mim poda descrever coas suas cores verdadeiras os quadros encantadores que por aqui se atopam ... para que assi ... ganhe e se veja co respeito e admiración merecida esta infortunada Galiza”.

Responsabiliza directamente Castela pelo estado do seu Povo no poema Castelhanos de Castela, de que se citam as duas últimas estrofes:

Mas entanto nom me mata,
castelhanos que aborreço,
hei, para vergonha vossa
hei-vos de cantar, gemendo:

Castelhanos de Castela
tratade ben os galegos
quando vám, vám como rosas
quando vêm, vêm como negros”

É a este tipo de poesia que chamei, porventura indevidamente, poesia de intervenção. Não falo de uma sobrevalorização da poesia popular no seu sentido meramente folclórico-exótico, mas de aquela que Rosalia soube criar, desprovida de convenções e de artificialismos, de modo a identificar-se com as suas raízes, os costumes e tradições de um povo, **falando na fala que ele falava**.

Ela teve a intuição de ir ao seu encontro e interpretar a corrente de uma consciência colectiva de séculos, transferida e enriquecida de geração em geração.

Teve afinal o génio de ir à procura da **sabedoria** que o monge Jorge, de Umberto Eco, queria calar, nem que para isso tivesse que recorrer ao

assassínio. Jorge, cego fisicamente e cego pela obsessão de esconder “o livro do filósofo” replicava a Guilherme de Baskerville do seguinte modo: “Os simples não devem falar. Este livro justificaria a ideia que a língua dos simples é portadora de uma certa sabedoria”. (Eco, Humberto, p. 472).

É significativo constatar que **Federico Garcia Lorca**, muitos anos após a morte de Rosalia Ihe prestou homenagem num dos seis poemas galegos, publicados na obra intitulada ***Obras Completas de Garcia Lorca, Aguilar Ediciones, Madrid, 1968.***

Este livro, descobri-o eu, no início de 1969 à venda – imagine-se! – em Lourenço Marques, e faz parte dos meus livros inesquecíveis, no sentido que hoje e aqui Ihe estamos a dar.

Sobre a Galiza e sobre Rosalia escreveu Lorca, **em língua galega**, no quinto poema da série, denominado “Canzon de cuna pra Rosalia , morta”:

“Erguete, miña amiga
Que xa cantam os galos do dia!
Erguete, miña amada,
Porque o vento muxe, como uña vaca

Os arados van e vên
Dende Santiago a Belén.

Dende Belén a Santiago
un anxo ven en un barco
Un barco de prata fina
que traia a door de Galiza ...”

É evidente a interacção textual da primeira estrofe do seu poema (Erguete miña amiga/que xa cantam os galos do dia!...) com o poema de Rosalia **Cantam os galos p’ró día**, que citamos:

“– Cantam os galos p’ró día
Erguete meu bem e vai-te
– Como me hei-de ir queridinho
Como me hei-de ir e deixar-te”

Lorca atingiu na sua obra um relevo excepcional, e em especial no seu Romancero Gitano, onde canta a violência das lutas e da repressão dos ciganos de Andaluzia pela Guardia Civil. No poema da captura de Antoñito, El Camborio, a caminho de Sevilha, escreveu (e cito apenas partes do poema):

"Antonio Torres Heredia
hijo y nieto de Camborios
con una vara de mimbre
va a Sevilla a ver los toros

...

A las nueve de la noche
Lo llevan al calabozo
Mientras los guardias civiles
Beben limónada todos"

A intensidade da repressão fica dramaticamente marcada no poema seguinte, sobre a morte do mesmo Camborio:

"Voces de murte sonaron
Cerca del Guadalquivir

...

Ah Federico Garcia
Llama la guardia Civil

...

e depois de descrever a cena da luta, violenta e desigual, que leva à morte de Camborio pelos quatro primos, conclui:

"Y cuando los cuatro primos
llegan a Benameji
Voces de murte cesaron
Cerca del Guadalquivir"

As “vozes da muerte sonaram/cerca del Gualdalquivir” abrem metaforicamente o poema, o qual termina, após consumado o acto brutal, com as mesmas vozes da morte a silenciarem-se no mesmo local: “Voces de muerte cessaron/cerca del Gualdalquivir”.

O mesmo grito de sentido de denúncia da repressão vai encontrar-se ainda no romance de “la Guardia Civil Española”, de que se citam alguns versos, em português, conforme o livro *Federico Garcia Lorca, Romanceliro Gitano, Editora Nova Fronteira, 1975, p. 48-52*:

“Os cavalos negros são
As ferraduras são negras

...

Avançam de dois ao fundo
para a cidade da festa
Um rumor de sempre-vivas
as cartucheiras invade

...

O poema aproxima-se então do trágico epílogo, após a ilustração da violência do bárbaro massacre perpetrado pela Guardia Civil, em Xerez de la Frontera:

Oh! cidade dos gitanos
A Guardia Civil se afasta
por um túnel de silêncio
enquanto as chamas te cercam”

Quando penso na força da mensagem do poeta de Granada tragicamente interrompida, não posso deixar de me interrogar se não era a ele que se referia **Lúcio Craveiro da Silva**, no seu poema **Manhã de Granada**, publicado em **Pegadas no Caminho, 1976**, e escrito em 1944, alguns anos depois e bem perto do local onde Lorca foi fuzilado,(e de que cito parte):

“Que tal será o dia
Ó mar ensanguentado
Será como tu, pobre guerreiro
Em vida amortalhado?

...

E tu oh vida, rainha das manhãs
Quando deixarás as sombras vãs
Das noites criminosas?"

Talvez que por gostar de **Lorca** eu goste de **Manuel da Fonseca**.

Lorca de Andaluzia, a cantar a lua, os ciganos e a Guardia Civil, num tempo de repressão e de guerra fratricida que se abateu sobre o seu povo.

Manuel da Fonseca, alentejano, praticamente meu conterrâneo, a escrever sobre a grande planície, a luta das suas gentes, o realismo do pão e do trabalho (e da falta dele), os seus vagabundos e deserdados, numa sociedade reprimida e oprimida dos anos 40, a que também não faltava o zelo da Guarda Nacional Republicana.

O seu livro ***Poemas Completos, publicado por Forja, 1969***, com prefácio de Mário Donísio, é tudo isso e muito mais.

Impressionante a crueza da Canção do Maltês, de que cito apenas alguns versos:

"Bati à porta do monte
Porque sou um deserdado

...

Qem abre a porta a desoras
Morando num descampado ?

...

– Guarde a espingarda senhor
Sou um homem de trabalho

...

E a filha do lavrador,
Que era uma moça perfeita
Ficou a olhar de gosto
A minha manta rasgada
E o meu fato de maltês

...

Estendeu-me um canto de pão
Com azeitonas maduras
Não aceitei como esmola
Antes roubar que pedir:
Paguei com a melhor história
Da minha vida sem rumo

...

P'rá filha do lavrador
Tinha muito mais valia
A história que lhe contei
Que o trigo do seu celeiro

...

e remata o discurso directo do vagabundo, de modo significativo, na sua saída de cena do conforto da casa do lavrador:

Agradei como é de uso;
Despedi-me até mais ver
E fui dormir p'ró palheiro
Que é palácio de maltês”

Mário Dionísio refere no prefácio desta obra de Manuel da Fonseca designadamente: **“o ambiente de navalhas, de vento e de luar e de tudo o que tão irresistivelmente o aproxima de Lorca e tão decisivamente dele se afasta”**.

Eis algumas das razões pelas quais liguei Lorca a M. da Fonseca, no privilégio das minhas leituras. Lorca denuncia as perseguições às etnias (ciganos,

negros³, ou judeus⁴) e canta genialmente a grandeza e o ambiente de inconformismo dos andaluzes. Grita bem alto contra a ditadura franquista que se instalava, no seu poema dedicado a Espanha:

“...
e posto que por momentos
o mal que te feriu se agrava
ressurge indómita e brava
e em vez de te fundires, cobarde
estala em pedaços e arde
Antes morta do que escrava.”

e chora por uma grande mulher poeta que o antecedeu na História, num grito de liberdade pela Galiza.

Manuel da Fonseca dá vida aos deserdados das planícies e charnecas alentejanas, perseguidos nas lonjuras das grandes herdades e que se tornam malteses quando os lavradores lhes recusam trabalho, em anos de fome:

“Num ano de grande fome
Minha família acabou-se...

...

e numa manhã de Inverno
não pude mais e parti
pelas estradas do acaso
com a manta de maltês ...”

(in canção da rosa da charneca, op. cit., p. 63)

Ironiza e ridiculariza a burguesia da vila como no poema do senhor gerente:

“Nunca está presente
o senhor gerente
Bem longe da gente
o senhor gerente

...

Mesmo quando ausente
Está sempre presente
A mandar na gente
O senhor gerente ...”

ou no romance do terceiro oficial das Finanças:

“Ah sim, isto que a vida faz
Isto de tu seres a esposa séria e triste
De um terceiro oficial das Finanças da Câmara Municipal”

E, como que obedecendo a um desafio deslocado no tempo, também Manuel da Fonseca presta homenagem à liberdade e à vontade insubmissa de uma notável mulher poeta alentejana, no seu poema a Florbela:

“Florbela não foi à monda
nem às searas ceifar

...

mas ela sabia tudo
que há no coração da gente
ouviu a gente cantar.

...

O calor que vem da terra
ondulando como asas
de subtilíssima chama
não é o lume do Sol

...

É o cio que treme solto
dos alvos seios de Florbela...”

Vou terminar Dr. Barreto Nunes, pedindo-lhe desculpa pelo meu atrevimento em vir opinar em alguns campos que não são os meus. Nesses, fi-lo apenas como um leitor que lê, simplesmente ... sem saber ler como os que sabem.

EM RESUMO, QUE LIVROS INESQUECÍVEIS ?

- A CIÊNCIA EXPERIMENTAL DE VANGUARDA, NO INÍCIO DOS ANOS 70, EM **JOHN BIRKS**;
- O PARADIGMA DAS CIÊNCIAS DA COMPLEXIDADE E O FIM DAS CERTEZAS, DE **ILYA PRIGOGINE**;
- OS PARADOXOS DA CIÊNCIA E A CONTROVERSA VISÃO DA NATUREZA DA REALIDADE, DE **JOHN GRIBBIN**;
- O RIGOR E A PROFUNDIDADE DE **LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA**, MOLDADOS PELOS ELEMENTOS ESTÉTICOS DA SUA POESIA;
- O GRITO INCONFORMADO DE REBELDIA DE **ROSALIA DE CASTRO**;
- O DUENDE NA POESIA REGIONALISTA E UNIVERSALISTA DO GÉNIO DO ANDALUZ **GARCIA LORCA**;
- A DENÚNCIA DAS INJUSTIÇAS, NUMA OBRA MARCADA PELO REALISMO, E ATRAVESSADA TRANSVERSALMENTE PELA ANGÚSTIA, PELA SOLIDARIEDADE E PELO SONHO, DO ALENTEJANO **MANUEL DA FONSECA**.

Notas

¹ Intervenção no Dia Mundial do Livro, no Salão Medieval, 23/04/97.

² There was a young named Bright/who could travel faster than light/she started one day, in a relative way/and arrived the preceding night.

³ Ode ao rei de Harlém, Nova York, 1929/30, onde frequentou a Universidade da Columbia.

⁴ Cemitério Judeu, N.Y., Janeiro de 1930(Poemas completos, Forja, op. cit.).

Referências bibliográficas

- Bernstein, J.**, Einstein, Fontana Press, 1991.
- Birks, John**, Photophysics of Aromatic Molecules, Wiley-Interscience, 1970.
- Castro, Rosalia de**, Cantares Galegos, Ed. Caixa de Aforros Provincial de Ourense, 1986.
- Craveiro da Silva, Lúcio**, Novas Cartas Inéditas de Antero de Quental, Coleção "Investigação e Cultura Superior", Faculdade de Filosofia de Braga, 1996.
- Craveiro da Silva, Lúcio**, Pègadas no Caminho, Braga, 1976.
- Eco, Humberto**, O Nome da Rosa, Difel, 1980.
- Fonseca, Manuel**, Poemas Completos, Forja, 1969.
- Gribbin, John.**, In Search of Schrödinger'Cat, Black Swan, 1985.
- Gribbin, John.**, Schrödinger'Kittens, Phoenix, 1985.
- Lorca, Federico Garcia**, Obras Completas de Garcia Lorca, Aguilar Ediciones, Madrid, 1968.
- Lorca, Federico Garcia**, Romancero Gitano, Editora Nova Fronteira, 1975.
- Pessoa, Fernando.**, Quadras ao Gosto Popular, Ática, 1973.
- Prigogine Ilya.**, La Fin des Certitudes, Edit. Odille Jacob, 1996.
- Prigogine, Ilya.**, e Stengers. Isabel., Entre o Tempo e a Eternidade, Gradiva, 1990.